

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS REVELADAS PELOS ESTEREÓTIPOS NO PROGRAMA A GRANDE FAMÍLIA

Maria Elisa Sokoloski¹

Resumo

Este artigo pretende abordar a atitude feminina retratada pela mídia televisiva, com o foco no seriado “A Grande Família”, um produto da Rede Globo de televisão, emissora brasileira. Visa-se apresentar, por meio da análise, os estereótipos femininos demonstrados na construção dos personagens de Nenê e Marilda. Indaga-se como cada personagem é caracterizada em decorrência da visão contemporânea sobre o papel da mulher na sociedade.

Palavras chave

Mulher; estereótipo; personagem, A Grande Família.

Abstract

This article aims at addressing the female attitude portrayed by the television media, with a focus on the “A Grande Família” sitcom, a production of The Rede Globo, a Brazilian television network. I have endeavored to introduce, by means of an analysis, the female stereotypes shown in the construction of the Nenê and Marilda characters featured in the sitcom. The question asked is how each character is portrayed in the contemporary view on the role of woman in society.

Keywords

Woman; stereotype; character; A Grande Família.

Conhecendo o produto – A Grande Família

As telas das TVs, com seus produtos que concordam com a expressão cultural de massa, desnudam padrões e tradições culturais. Nas narrativas da ficção, pela palavra ou pela imagem, são apresentados hábitos, tendências e alegorias que configuram a sociedade, em determinado tempo e espaço. Nesse movimento, a mídia se encarrega de atualizar o retrato das personagens, em cada produto lançado no mercado.

O corpus deste trabalho se refere a um dos produtos midiáticos brasileiros produzido pela Rede Globo - *A Grande Família*. Um seriado de frequência semanal noturna que aborda nas narrativas a geração de conflitos familiares, seus reflexos na sociedade e como essa dinâmica interfere nos comportamentos e na resolução dos conflitos. Com mais de 300 episódios até o momento é uma obra baseada no seriado norte-americano de sucesso *All in the Family* (1971) tendo sido escrita por Max Nunes, Oduvaldo Viana Filho, Armando Costa e Paulo Pontes, e dirigida por Milton Gonçalves e por Paulo Afonso Grisolli.

Neste artigo, focaliza-se mais especificamente a construção das imagens femininas nas personagens de Nenê (Marieta Severo) e Marilda (Andréia Beltrão) ².

Tal produto televisivo retrata situações de uma família de classe média, vivendo no subúrbio do Rio de Janeiro e composta por personagens que resumem alguns estereótipos. Na leitura das estereotipias há uma proximidade do público com o conteúdo vivido pelas personagens que garantem a fidelidade da audiência pelo processo de identificação que promovem no espectador. Essa aproximação de personagem e espectador gera um mecanismo de manifestação subjetiva, que consolida o encontro da realidade com a fantasia. Segundo Jacques Aumont (1995: 244), longe de ser um mecanismo psicológico, entre outros, a identificação é, ao mesmo tempo, o mecanismo de base da constituição imaginária do eu (função fundadora) e o núcleo, o protótipo, de certo número de instâncias e de processos psicológicos posteriores, pelos quais o eu, uma vez constituído, vai continuar a diferenciar-se (função matricial)”. Para Stuart Hall (1997) a identidade, uma "celebração móvel", se forma e se transforma continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

O seriado, de característica televisiva, possui penetração em temáticas da sociedade atual se apresenta na peculiaridade de alimentar o repertório comum de gerações, do sexo, dos vocabulários e da indumentária, que definem o comportamento de grande parte da população brasileira.

Por ser estruturado num caráter misto, parte-se do pressuposto que não se trata nem de novela, nem de minissérie, já que os episódios que promovem a compreensão da trama podem ser pensados numa singularidade, cada um deles compõe uma nova história que se traduz na tela. Podem assim ser percebidos fora do contexto da linearidade e periodicidade já que a caracterização das personagens permite que seus traços de personalidade, na multiplicidade de caracteres que os compõem, possam ser percebidos dentro da narrativa de um mesmo episódio. Dessa forma há uma autonomia em cada capítulo, o que permite a liberdade da audiência pela escolha do espectador. Por outro lado, por se tratar de um programa semanal, condiciona o espectador a assisti-lo, levado pela curiosidade de saber qual será o objeto da próxima narrativa.

Os produtos das narrativas audiovisuais, nesse ou em outro seriado, aguçam os sentidos e invadem o inconsciente coletivo considerado por Glauco Ulson (1998: 36) “um universo totalmente autônomo funcionando independentemente de nossa psique pessoal, carregados de conteúdos arcaicos e impessoais”. Os desejos de base onírica, relativa aos conteúdos dos sonhos, interferem na transformação de comportamentos determinados pelas forças das criações dessas mídias, que passam a concordar com as forças da realidade de cada sujeito.

O conjunto dessas produções ficcionais forma o imaginário social, cuja relação com as produções culturais em desenvolvimento, estrutura as representações ou a potência das personagens. A identidade se constrói, portanto, a partir da relação entre as práticas discursivas e a reconceitualização do sujeito. Roland Barthes (2005) considera esse imaginário uma reserva de imagens expressivas, vinculado ao mito da criação artística. Para Laplanche e Pontalis (2000) o imaginário participa como um dos registros do campo psicanalítico juntamente com o real e o simbólico.

Nessas narrativas nascidas da ficção podem ser introduzidos ou reforçados novos valores na sociedade, assim como mantidos aqueles que se reforçam cotidianamente

pelos comportamentos. Há, porém, uma troca ou um acréscimo de características nessas identificações que são produzidas naquele espaço que Raymond Bellour denomina “entre lugar”, a partir de dados da fantasia e da realidade.

“... um lugar, físico e mental, múltiplo. Ao mesmo tempo muito visível e secretamente imerso nas obras, remodelando nosso corpo interior para prescrever-lhe novas posições, ele opera entre as imagens, no sentido muito geral e sempre particular dessa expressão.”
(Bellour, 1997: 14)

Ao se analisar nos produtos televisivos e seus elementos enunciativos resumidos pelas falas, roupas, figurinos e imagens, com o olhar voltado para as representações femininas, percebe-se que, naquele lugar específico, há, mais do que indivíduos concretos, sujeitos constituídos e constituindo-se. O sujeito dos enunciados, definidos por Foucault como um "lugar determinado e vazio", pode ser ocupado efetivamente por quaisquer indivíduos. Surgem então esses “seres” que traduzem nas telas as expressões intrínsecas dos sujeitos numa mistura entre o humano e o ficcional. “Entretanto, recusar toda a relação personagem e pessoa seria absurdo: as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção”. (Ducrot & Todorov, 1998: 11)

As representações no écran passam a atender o desejo do espectador. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem ligados, os intuítos do romance ou da narrativa de ficção, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam, confirma Antônio Candido (1998: 53).

Personagens estereotipadas

Na frequência e no formato com que são construídos os cenários e as personagens, há uma leitura dos estereótipos, que são denominados por Elías Thomé Saliba (1999) de imagens canônicas e são representações de uma realidade social ou histórica, tomadas como verdadeiras, mas que constituem quase sempre fantasias ou produtos da imaginação. Na multiplicidade das histórias retratadas é provocada a percepção das características das personagens, nas construções de identidades que são captadas pelo público e reforçadas por esse mesmo público espectador.

Portanto, as personagens são construídas a partir de critérios que nascem do autor, com base nos traços de personalidade identificados na sociedade. Cada personagem determina um padrão de comportamento e de reações que a coloca numa categoria dentro do produto.

Diversas visões de criação de personagens ilustram as páginas dos livros, mas na visão sobre criação das personagens há uma instauração de valores e critérios para que sejam assim construídas. Segundo Forster (1969: 66-67) “as personagens, flagradas no sistema que é a obra, podem ser classificadas como planas ou redondas”. As personagens planas são criadas em torno de uma ideia ou qualidade e na maioria das vezes são definidas na obra em poucas palavras. Já as personagens redondas são mais complexas, apresentam várias qualidades ao mesmo tempo e também são dinâmicas e multifacetadas, de modo que constituem imagens totais e particulares do ser humano. As personagens Nenê e Marilda exemplificam a caracterização dessas personagens no reforço de seus estereótipos.

A figura feminina estereotipada, durante muito tempo, foi definida pela emotividade, passividade e dedicação à família. O amor idealizado, construído a partir da subordinação da mulher ao domínio privado, contribuiu para reproduzir uma representação social de sua dependência do homem. Seu destino visou o papel de esposa e a inatividade profissional acarretou a necessidade de evasão pelo poder do imaginário. O amor-romântico e a lógica patriarcal levaram à representação da domesticidade da mulher e ao casamento, como únicos meios de alcançar a felicidade feminina.

Dentre uma gama de traços que definiam a mulher de outrora, social e culturalmente, abre-se espaço para novos traços que se constroem e que passam a concordar com as conquistas femininas ao longo da história. Mulheres mais atuantes, não só destinadas ao amor romântico e ao atributo da maternidade, à exclusão do trabalho social e à clausura doméstica, se formam e se transformam na conquista por maior expressão no palco da sociedade.

Esse movimento que destrona a típica mulher do passado atinge os roteiros do entretenimento que permitem denunciar a transformação da história e da sociedade ao

promover a aparição de novas personagens no colorido das telas. Entretanto, não se pode negar a aparição de novos estereótipos numa ordenação de novos códigos.

Partindo desse conceito que caracteriza a mudança histórica feminina e a construção de personagens, pensa-se nessas personagens com tais características dinâmicas e de face ambíguas. Dessa forma, com o olhar voltado ao objeto deste trabalho buscam-se levantar alguns dados que formam o perfil das personagens femininas Nenê e Marilda, voltados ao valor dos estereótipos

Personagem Nenê



Imagem 1. Nenê

A personagem feminina, interpretada pela atriz Marieta Severo, é construída a partir do estereótipo de esposa perfeita, que mais reproduz as marcas do sistema patriarcal, ainda possíveis de perceber em boa parte da sociedade brasileira. Esposa de Lineu (Marco Nanini) e mãe de Tuco (Lúcio Mauro Filho) / Bebel (Guta Stresser), Nenê representa a mulher que atribui ao homem o papel de provedor, ao mesmo tempo em que reserva para si própria uma restrição às incumbências do lar e o suporte emocional esperado pela família.

Nenê assume a presença constante ao lado do marido, é atenta aos filhos e resolve os problemas domésticos, sem deixar de lado a meiguice e a ingenuidade da boa mãe de família. Está impregnada de qualidades que transcendem o humano porque resume o papel da perfeição. Subordinada à divisão dos trabalhos domésticos conflitados com seus desejos de mulher, reivindica seus direitos com insucesso. Faz combinações extravagantes no figurino, numa mescla de pudor e desejo de libertação, na ambigüidade do sagrado e do profano. Adota a dependência emocional frente à figura masculina e aos filhos, o que sugere a centralização de sua realização pessoal apenas na felicidade de sua família. Por conta disso, Nenê parece não poupar esforços para se dedicar o máximo possível ao lar.

Outros pontos decisivos na representação da personagem estão na benevolência e na amabilidade expressas por Nenê - aspectos tradicionalmente atribuídos ao feminino. Contida em atitudes reveladoras de ansiedade e amarrada nos vestidos que parece confirmar uma postura rígida, busca na vaidade, que a retira muitas vezes do papel da mulher do lar e servil, a possível libertação dessas amarras. Prova disso é que, ao frequentar o salão de beleza de Marilda, a amiga confidente, recebe críticas incompreensíveis por parte das personagens familiares masculinas.

Os dados dessa mulher historicamente construída traduzem na tela um dos estereótipos femininos que marcaram a posição feminina dentro do cenário social patriarcal.

Personagem Marilda



Imagem 2. Marilda

Outra personagem deste mesmo produto midiático, construída a partir dos estereótipos da mulher romântica e solitária, Marilda (Andrea Beltrão) representa a mulher da pós modernidade que busca uma relação de estabilidade e realização dos desejos femininos. Demarcada pela atitude de independência da mulher atual, não se submete aos padrões de outrora. Simboliza o rompimento do estereótipo feminino representado pela amiga inseparável, Nenê.

Marilda é microempresária e mora sozinha. Preocupada com a aparência, tem no cigarro o companheiro constante e dois possíveis amores imaturos. Vive o conflito entre a auto-exigência da mulher contemporânea no perfil resumido do desejo pela realização no casamento e a autonomia financeira e a liberdade sexual. A mistura de comportamentos que caracterizam a personagem traduz-se na fala delicada que contrapõe com a aparência extravagante, nas cores e acessórios do figurino que causam um considerável estranhamento no espectador.

Para Peñuela Canizal (1988: 87)

[...] a manifestação da estranheza aliada ao carnavalesco se dá através de formas expressivas contaminadas de lampejos irracionais e de situações aparentemente absurdas, porque, no geral, a denotação das coisas do mundo visível se confunde, nesse tipo de encenação, com as sutilezas conotativas decorrentes dos elementos do imaginário, aqui entendido como um conjunto de figuras ambíguas produzido pelas forças do desejo.(Canizal, 1988: 87)

O autor utiliza o conceito do carnavalesco elaborado por Mikhail Bakhtin, para quem,

a excentricidade é uma categoria específica da cosmovisão carnavalesca, organicamente relacionada com a categoria do contato familiar; ela permite que se revelem e se expressem – em forma concreto-sensorial – os aspectos ocultos da natureza humana.(Bakhtin, 1981: 106)

Este estranhamento leva o espectador a conceder à personagem a possibilidade da ousadia e da liberdade de expressão.

Marilda, com traços da mulher moderna e independente, deixa muitas vezes em suspense a resolução do conflito para o próximo episódio, na suposta sensação de algo inacabado, o que dá indícios de frustração da personagem face aos sonhos irrealizados, sobretudo no campo das paixões explícitas.

Mesmo ladeada por situações que reforçam a “instituição casamento”, Marilda representa a atitude oposta. Os principais pontos de ruptura de sua representação caracterizam o sexo e a expressão libertária que a personificam. Vive um paradoxo, por um lado a mulher independente e avessa aos moralismos, e por outro, a conservação dos ideais da mulher de outrora, como a exaltação ao amor, no desejo constante de realização amorosa. Retrata a mulher realizada profissionalmente, na proximidade da representação da mulher contemporânea, porém ainda fortemente marcada pela estereotipia.

Uma fusão de desejos intrínsecos femininos nos papéis de Nenê e Marilda



Imagem 3. Marilda e Nenê.

Dois modelos, dois estereótipos apresentados na tela, que contribuem com a denúncia repetitiva de comportamentos femininos da sociedade ocidental, confirmados na construção das personagens, em algumas facetas do feminino contemporâneo “uma espécie de “faz de conta realista de fundo cultural”. Ambas, cúmplices e retratadas dessa forma se permitem uma “fuga para um espaço imaginário” (Fischer, 2000:14).

Há em ambos os modelos o “desejo e a tenacidade” (Story, 2006, p.113) nos traços que se revelam nas personagens, pelo seu empenho constante de realização como mulheres em busca de elementos que as tornem felizes e a tenacidade dessa busca. Vivência da sexualidade concretizada no uso de vestidos, preocupação com os cabelos e acessórios como diferentes elementos de enunciação.

Na personagem Nenê há uma solução nos conflitos gerados em cada episódio, como se sua personagem tivesse que deixar a tela, até o momento da outra aparição, com uma imagem imaculada, de acordo com o papel anteriormente descrito, de boa mãe, esposa e amiga perfeita. Como contraponto, a personagem Marilda adia as resoluções dos conflitos que resistem a uma espera. Segundo Story (2006) o papel de protagonista, que identifica Nenê, concorda com um maior número de dimensões no elenco que a identificam com a vitória do bem sobre o mal.

Há também uma ambigüidade nas atitudes e desejos rumo à felicidade, bastante atrelada ao ideal do amor romântico nas duas personagens. O sacro e o profano se alternam no desejo explícito entre a pureza feminina revelada na construção da mulher do passado e a mulher da atualidade, que se permite desnudar as emoções e os desejos reveladores da feminilidade como o realce das qualidades.

Parece ocupar um lugar comum nas narrativas ficcionais televisivas, a associação entre mulheres autônomas e infelicidade amorosa, comunicando talvez o retrato da sociedade feminina contemporânea. Existe então, um “código poético” (Story, 2006: 350) que mantém essa estrutura da composição das personagens.

Conclusão

A exploração dos estereótipos femininos no seriado permite uma maior compreensão das personagens que representam os conflitos do cotidiano dentro das relações afetivas.

Mulheres que não mais desprezam seus desejos, mas, que ainda sofrem pressões impeditivas no rumo de suas realizações face um pensamento com características patriarcais dominantes. Na representação dos papéis femininos do seriado há um esforço de rompimento com as determinações sociais do passado que se manifesta pelo conjunto de expressões marcadas pelas personagens.

O retrato da mulher contemporânea está presente nas narrativas desses programas, que revelam as mudanças pelas quais passa a sociedade, na promoção da crítica sobre o papel feminino e suas funções na família e nas questões profissionais.

Apesar do movimento feminino em conquistar um espaço de reconhecimento do gênero, comportamentos do passado ainda ocupam o presente pela revelação nos estereótipos.

O processo de identificação pelo qual passa o espectador o auxilia na promoção de tais reflexões sobre as questões próprias do gênero e sua relação familiar e profissional.

No caso do seriado, mesmo ao abordar aspectos que conflitam as relações interpessoais, procura manter-se na comédia romântica para o desenvolvimento das narrativas e o caráter do entretenimento.

Referências

Bakhtin, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

Bellour, Raymond. Entre – imagens: Foto, cinema, vídeo. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
BRAIT, Beth (org.). A Personagem. 6. ed. Sao Paulo: Ática, 1998. 95 p. (Série princípios) ISBN 85-08-02054-6.

Deleuze, Gilles. Lógica do Sentido. Editora Perspectiva: SP, 1988.

Fisher, Sandra. As molduras de Belle de Jour. Significação: Revista Brasileira de Semiótica. SP, n. 14, p. 200-216, nov. 2000.

Hall, S. (ed.) (1997) Representation: cultural representations and signifying practices, Londres, Sage/The Open University (Livro 2 desta série).

Pallotini, Renata. Dramaturgia de televisão. Ed. Moderna: São Paulo, 1998.

Story, Robert Mckee. Substancia, Estrutura, Estilo e os Princípios da escrita de roteiro. Editora Arte& Letra: Curitiba, 2006.

Ulson, Glauco. O Método Junguiano. Editora Ática: SP, 1988.

Imagem 1. Personagem Nenê. Disponível em:
<http://www.minhaserie.com.br/imagens/novidades/upload/nene.jpg>. Acesso em: 08 de dezembro de 2009.

Imagem 2. Personagem Marilda. Disponível em:
<http://www.lucianaavellar.com/editoriais/gifs/marilda1.jpg>. Acesso em: 08 de dezembro de 2009.

Imagem 3. Personagens Marilda e Nenê. Disponível em:
http://redeglobo.globo.com/Tv_globo/Noticias/foto/0,,23673189-EXH,00.jpg. Acesso em: 08 de dezembro de 2009

¹ Mestranda em Comunicação e Linguagens do programa de Mestrado da Universidade Tuiuti do Paraná (2009) mes.elisa@bol.com.br

² A personagem deixa de participar da série ao finalizar o ano de 2009. Este texto foi produzido no mesmo ano, anterior à saída da personagem do referido programa.